

## **A hermenêutica da paisagem cultural sob o enfoque geográfico: a indissociabilidade entre a materialidade e a imaterialidade<sup>1</sup>**

*La hermenéutica del paisaje cultural bajo el enfoque geográfico: la inseparabilidad entre materialidad e inmaterialidad*

*The hermeneutics of cultural landscape under the geographic focus: the inseparability between materiality and immateriality*

**Thiago Souza Silva<sup>2</sup>**

**Elton Moreira Quadros<sup>3</sup>**

### **Resumo**

Esta investigação teórica objetiva refletir detidamente sobre as contribuições da geografia cultural para se compreender a Paisagem e os recursos materiais e imateriais que o integram, posto que este ambiente ecológico é preñado de significados, os quais são legitimados por intermédio dos códigos, que, para serem interpretados na sua plenitude, solicitam familiaridade das subjetividades que foram incorporadas neste contexto pelo próprio corpo social. Isto implica dizer que este trabalho propõe o atentar-se não somente para os bens perceptíveis, mas, também, para os aspectos intangíveis deste ambiente, os quais são relativos aos costumes, aos princípios, aos convencionalismos socialmente erigidos, que identificam e individualizam um território. Assim, perceber-se-á que, uma paisagem cultural agrega uma multiplicidade de elementos que referenciam uma área, que é amoldada pelas intenções e impressões humanas dos seus ocupantes.

Palavras-Chave: Hermenêutica Ambiental; Ecologia Humana; Epistemologia Ambiental.

### **Resumen**

Esta investigación teórica tiene como objetivo reflexionar detenidamente sobre los aportes de la geografía cultural para comprender el Paisaje y los recursos materiales e inmateriales que lo integran, ya que este entorno ecológico está lleno de significados, que se legitiman a través de códigos, que, al ser interpretadas en su plenitud, piden familiaridad con las subjetividades que fueron incorporadas en este contexto por el propio cuerpo social. Esto implica que este trabajo se propone prestar atención no solo a los bienes perceptibles, sino también a los aspectos intangibles de este entorno, que se relacionan con costumbres, principios, convencionalismos socialmente erigidos, que identifican e individualizan un territorio. Así, se comprenderá que un paisaje cultural

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

<sup>2</sup> Doutorando do Curso de Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, [thiago\\_uesb@yahoo.com.br](mailto:thiago_uesb@yahoo.com.br);

<sup>3</sup> Prof<sup>o</sup> DSC. do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, [emquadros@uneb.br](mailto:emquadros@uneb.br).

agrega una multiplicidad de elementos que se refieren a un área, que está moldeada por las intenciones e impresiones humanas de sus ocupantes.

Palabras clave: Hermenéutica ambiental; Ecología humana; Epistemología ambiental.

### **Abstract**

This theoretical investigation aims to reflect carefully on the contributions of cultural geography to understand Landscape and the material and immaterial resources that integrate it, since this ecological environment is full of meanings, which are legitimized through codes, which, to be interpreted in their fullness, they ask for familiarity with the subjectivities that were incorporated in this context by the social body itself. This implies that this work proposes to pay attention not only to the perceptible goods, but also to the intangible aspects of this environment, which are related to customs, principles, socially erected conventionalisms, which identify and individualize a territory. Thus, it will be realized that a cultural landscape adds a multiplicity of elements that refer to an area, which is shaped by the human intentions and impressions of its occupants.

Keywords: Environmental Hermeneutics; Human Ecology; Environmental Epistemology.

## **1. Introdução**

No transcurso histórico, a ciência geográfica, de categoria cultural, desfrutou de substantivas modificações de perspectiva teórica. A evidência conferida à materialidade da cultura, isto é, para os componentes conspícuos dispostos na paisagem, foi sendo suplantado pela inteligência apregoada por La Blache ao apontar a convergência entre os elementos materiais e imateriais encontrados no universo simbólico de certo conjunto cultural.

Nesta esteira de pensamento, tal pesquisa se propõe a dialogar sobre a temática cultural, em articulação com as conceptualizações da paisagem e dos signos culturais, refletindo-os enquanto constituintes indissociáveis de uma mesma abordagem analítica. Isto implica dizer que não há uma paisagem cultural destituída de símbolos culturais, e a recíproca dessa enunciação também é improcedente, visto que estes são evocados pela própria paisagem, revelando as especificidades espaciais que o homem incorpora nestes ambientes, particularizando-os.

Serão elaboradas, *a priori*, as considerações atinentes à definição que referencia a paisagem cultural e a sua devida progressão no campo geográfico. Em sequência, demonstrar-se-ão as teorizações atreladas aos códigos culturais, concedendo especial atenção para as suas formas de reprodução na paisagem, evento este que traduz o que se convencionou designar de paisagem cultural.

Delimita-se, ainda, que, este trabalho consiste numa proposta teórica que serve de espeque para o labor conceitual dos diálogos associados à geografia cultural brasileira.

Assinala-se, assim, a relevância dessa linha de raciocínio científico para a introspecção de uma possível reforma, a ser empreendida no prisma geográfico, quanto à tradução que é dispensada à cultura, acentuando que o desenvolvimento desta vertente se processou por intermédio de outras ciências da seara social, como, por exemplo, a Sociologia, a História e a Antropologia as quais mantêm uma relação de sinergia com a geografia.

## **2. A construção da paisagem cultural pela ótica das ciências geográficas**

A paisagem emerge enquanto matéria de apreciação científica, e cativa o interesse dos geógrafos, que a adotou, na década de 1960, para subsidiar as investigações morfológicas, calcadas nas considerações teóricas de profusos estudiosos da temática, como, por exemplo, Sauer (2007), que foi o precursor desse assunto, consubstanciando-se como uma sumidade da área, através da autoria do título *A Morfologia da Paisagem*, cuja primeira edição foi publicada em 1925. Nesta obra, o mesmo apregoa que a cultura é assimilada mediante o exame dos métodos, dos recursos e das alomorfias do ambiente natural, resultantes dos processos antrópicos.

Corrêa e Rosendahl (2007) elencam os predicados elementares do legado teórico de Sauer, correspondentes à credulidade da multiplicidade cultural, ao realce para o decorrido (passado), a primazia da percepção, além de ser adepto de um posicionamento anti urbanista e um apologista das sociedades tradicionais.

Sauer (2007) declara que a geografia cultural comunica, sob um prisma histórico, as intercorrências que se manifestam num determinado território. Assim, vislumbrada pelo escopo hermenêutico da geografia, a paisagem propicia a interpretação das facetas históricas e culturais que retratam as peculiaridades características de um povo por meio da representação das suas convicções e adjetivações que os personalizam.

Contudo, Mikesell (2000) postula que, apesar de o vocábulo paisagem encerrar acepções plurais e imprecisas, não dispõe de um significado extensivo, que denote satisfatoriamente uma exergásia da geografia cultural.

Na tratativa desse assunto, Wagner e Mikesell (2007) salientam que

O estudo da paisagem cultural serve, simultânea e inseparavelmente, a diversos fins diferentes. Independente da sua função de descrição sistemática proporciona uma base para classificação regional, possibilita um insight sobre o papel do homem nas

transformações geográficas e esclarece certos aspectos da cultura e de comunidades culturais em si mesmas. Busca diferenças na paisagem que possam ser atribuídas a diferenças de conduta humana sob diferentes culturas e procura desvios de condições "naturais" esperadas, causados pelo homem (WAGNER & MIKEELL, 2007, p. 36).

A paisagem ecológica intacta, isto é, a que não recebeu nenhuma intervenção humana, é composta somente pelo acervo natural e auferes os traços humanos conforme as massas sociais vão imprimindo as suas intencionalidades no meio ecológico.

Desde o dealbar de 1970 que as investigações concernentes à cultura experimentaram drásticas mutações de perspectivas, pois, nesse período, logrou ênfase a ratificação de que as conjecturas que evidenciavam tanto o arranjo social do mundo, quanto à existência dos agrupamentos humanos e sua práxis, de modo algum são estritamente materiais. Antes, são traduções de operações cognitivas, de ações psíquicas, de permuta de dados informativos e de pensamentos. Desta forma, a integração existente entre o homem e a dimensão ecológica em que está inserido, apresenta um aspecto sociopsicológico, pois advém das impressões sensoriais captadas do meio (CLAVAL, 2007).

A geografia cultural aparece numa realidade inspirada no pós-positivismo e deriva da concepção de que a cultura representa e subsidia a pluralidade da sistematização espacial e o seu desenvolvimento. Posto isto, afirma-se que a cultura é crucial para a decodificação do mundo (CORRÊA, 2000).

De acordo com Corrêa (2007), a retomada da geografia cultural foi impulsionada por inúmeras condicionantes como o materialismo de personalidade histórica e dialética, os quais compreendem a cultura como sendo o próprio delineamento do quadro social e de suas tendências. Hodiernamente, ressaltam-se os atributos da experimentação, da intersubjetividade, das afecções, dos estados afetivos e congêneres.

Com arrimo nessa lógica, o lugar é reputado por Relph (1976) e por Tuan (1980) como um conceito central da geografia. Foram englobados por este contexto os temas da percepção ambiental e da identidade vinculada ao espaço. Assim, a geografia cultural começou a visualizar o ambiente urbano como potencial de aspiração exploratória, debruçando-se sobre a descrição e a catalogação das fisionomias ambientais. Pondera-se que a cultura emana da capacidade humana de processarem sua interlocução pela mediação simbólica.

Quando as pessoas parecem pensar e agir similarmente, elas o fazem porque vivem, trabalham e conversam juntas, aprendem dos mesmos companheiros e mestres, tagarelam sobre os mesmos acontecimentos, questões e personalidades, observam ao seu redor, atribuem o mesmo significado aos objetos feitos pelo homem, participam dos mesmos rituais e recordam o mesmo passado (WAGNER; MIKESSELL, 2007, p. 114-115).

A paisagem começa, então, a abranger uma gama de enfoques e cumpre uma função capital na obtenção de saberes e ações imprescindíveis à sobrevivência, pois comunica a real situação das coletividades, onde são dinamizadas as interações entre os indivíduos e o seu entorno.

Esta prática é saturada de reminiscências históricas, cujo sentido pode ser captado por um compenetrado examinador. Logo, a paisagem é uma modalidade de matriz cultural. É, ainda, o domínio onde são corporificadas as ações humanas (CLAVAL, 2004).

A modificação do ângulo de abordagem e do esteio ontológico alusivo à paisagem implicou na busca pela decifração de como se desencadeia a estruturação das malhas sociais num determinado espaço, e como são incutidas as características humanas nesta área (CLAVAL, 2001). Destarte, lida-se com “a dialética das relações sociais no espaço, com sua ligação ao meio ambiente e ao papel complexo das paisagens, ao mesmo tempo suportes e matrizes das culturas” (CLAVAL, 2001, p.41).

O termo paisagem acomoda um conceito dotado de uma maneira peculiar de conferir sentidos aos elementos que constituem o mundo perceptível, “cuja história tem que ser entendida em relação à apropriação material da terra” (COSGROVE; JACKSON, 2000, p.18).

Berque (1998) desenvolveu um vultoso aporte para a compreensão da simbologia que abarca o mote da paisagem. Ao referir-se à geografia cultural, este autor lhe outorga a incumbência de perscrutar o sentido, tanto singular quanto geral, que o corpo social suscita do seu relacionamento com o ambiente natural, que, categoricamente, é encarado como expressão de paisagem.

Wagner e Mikesell (2007) argumentam que a paisagem cultural se remete aos componentes de uma extensão espacial ou de um território, onde estão encarnadas as transformações empreendidas pelos integrantes de um ajuntamento cultural. Além disso, é idealizado como decorrência da intrincada relação que envolve uma associação humana e as suas performances culturais dentro de um complexo de circunstâncias naturais. Corresponde,

portanto, a um patrimônio forjado num dilatado lapso evolutivo natural e de diversas sucessões de ingentes esforços humanos.

Ao reformular as noções atinentes à paisagem e à cultura, concedendo-lhes novas configurações conceituais, os trabalhos mais modernos da geografia cultural destacam a síntese da personalidade cultural conexas à definição de paisagem. Esta, por sua vez, simboliza uma forma *sui generis* de constituir, arquitetar e significar o mundo externo, cuja construção histórica deve ser assimilada em associação com o viés materialista. Frente ao exposto, acredita-se o estudo da paisagem contempla diversificados formatos, a saber: iconográficos, registros grafados em documentos, efígies estampadas em película, desenhos grafados em fragmentos rochosos distribuídos pela vegetação.

Essas formas exprimem as acepções que os sujeitos transferem para os lugares onde habitam, possibilitando conectar essas significações a outros fatores relacionados à vida do homem (COSGROVE; JACKSON, 2000). A tendência hermeneuta no âmbito da geografia cultural contemporânea lida com a paisagem sob um viés alegórico, tratando-a como texto passível de leitura e interpretação, tal qual um documento.

As paisagens são detentoras de códigos que comunicam informações facilmente decodificáveis pelos sujeitos intimamente afiliados com a cultura local. Conforme preceitua Claval (2004), os signos de que as paisagens são portadoras transmitem mensagens intencionais, geralmente muito fáceis de serem decifradas pelas pessoas familiarizadas com a cultura local. Contudo, as comunicações emitidas por estes espaços não são evidentes para os que não possuem familiaridade com o contexto. Em vista disso,

as paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significados. Grande parte da geografia mais interessante está em decodificá-las. É tarefa que pode ser realizada por qualquer pessoa no nível de sofisticação apropriado para elas. Porque a geografia está em toda a parte, reproduzida diariamente por cada um de nós (COSGROVE, 2004, p.121).

Acrescenta-se, ainda, que o desvelar dos sentidos da paisagem cultural demanda uma engenhosa capacidade imaginativa que propicie a internalização no mundo do subconsciente alheio, e, então, delinear as subjetividades que caracterizam a paisagem ali representada (COSGROVE, 2004).

### **3. Uma abordagem integradora entre a cultura, a sociedade e ecologia**

Ao discorrer sobre a premente necessidade de inovação a ser estabelecida pela geografia cultural, Cosgrove (1999) assevera que esta reivindicação figura como uma contrapartida plausível frente ao declínio das demarcações intelectuais legadas pelo campo acadêmico, e, também, ao ascendente labor de flexibilização teórica e empírica taxada de pós-moderna por alguns.

Nas análises onde a cultura é objeto de estudo, notabiliza-se a substituição da história pela memória, sendo reposicionada para uma correlação mais entranhável com o presente e o futuro. As contribuições da memória social são primordiais na formação da identidade e do próprio território.

Contemporaneamente, a geografia cultural agrega desde estudiosos que se dedicam à pesquisa dos paradigmas da temática espacial, sem fazer alusão à sistemática cultural, até aqueles que se aplicam ao aprofundamento da questão cultural apartada da abordagem espacial ou da paisagem. Perante o exposto, admite-se que

A concepção de geografia cultural enquanto heterotopia epistemológica é a melhor e devemos aceitar as implicações desta condição cada vez mais comum na academia. Uma parte importante desta aceitação é se dar conta de que um discurso 'dominante', capaz de estabelecer uma unidade intelectual, é ilusão. (...) o que temos, na realidade, são "lugares de diferença", cada um dos quais com seu próprio discurso, ligados a outros lugares semelhantes dentro das ciências sociais e humanidades (DUNCAN, 2000, p.82).

Cosgrove e Jackson (2000), ancorando-se nesse novo prisma de tipologia geográfica, consideram que a cultura é a via através da qual são agenciadas as metamorfoses ocorridas na esfera social, as quais são objeto de experimentação, impugnação e afins. Fato este que rechaça, terminantemente, a ideia de uma cultura tipologicamente residual. Ademais, sobrepuja-se a ótica unitarista da cultura em favor da categoria pluralista, anunciando novas referências conceituais para o tempo e para o lugar. Outrossim, tais autores sustentam que a parte da geografia que se ocupa com o exame das formatações culturais não é uma mera consequência das forças históricas que a contornou.

Merquior (1997) aduz que, na atual visão antropológica, o conceito de cultura validou a diferenciação à noção de interação social e a própria cultura, sendo que esta última designa uma combinação de valores simbólicos, que funcionam como mediadores.

Reiteradamente, os indivíduos reproduzem a cultura em suas práticas habituais, podendo ser encontrada na conjectura da comunicabilidade. Em vista disso, Cosgrove (2004)

pontua que, a cultura é, concomitantemente, um agente definidor das tendências práticas e da consciência que rege a humanidade, e, também, é paciente das determinações socialmente convencionadas. Ademais, tal autor compartilha do pensamento de que para apossar-se do sentido das informações insculpidas na paisagem por uma dada cultura, necessita-se ter apropriação dos códigos linguísticos ínsitos nesta realidade.

A imediatez do colapso ecológico, procedido pelos desgastes dos recursos naturais e pela exacerbada depauperação dos ambientes, insta por respostas viáveis. Assim, faz-se mister conhecer as relações que se estabelecem no meio natural (CLAVAL, 2001).

#### **4. A paisagem cultural como eixo articulador das convenções europeia e brasileira**

A organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), promoveu uma convenção, em 1972, e, um dos feitos relevantes deste evento foi que, desde a sua ocorrência, houve um envidado comprometimento para o emprego proficiente das conceptualizações que orbitam em torno da paisagem cultural.

Em 1992, com a instauração da paisagem cultural, enquanto condição indicativa suficiente para a introdução dos bens no rol de patrimônio mundial, eclode a pretensão por desvencilhar-se da imperatividade dos requisitos a serem cumpridos para efetivar a inscrição dos bens naturais ou culturais. Diante dessa assertiva, é proveitoso mencionar, ainda, que as paisagens culturais são legitimadas como

Ilustrativas da evolução da sociedade humana e seus assentamentos ao longo do tempo, sob a influência de contingências físicas e/ou oportunidades apresentadas pelo ambiente natural, bem como pelas sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, externas e internas, que nelas interferem. Elas devem ser selecionadas pelo seu valor universal e pela sua representatividade em termos de uma região geocultural claramente definida e também pela sua capacidade de ilustrar os elementos culturais essenciais e típicos dessa região. [...] O termo 'paisagem cultural' envolve uma diversidade de manifestações da interação entre a humanidade e seu ambiente natural (UNESCO, 1999, p. 36-37).

É pertinente frisar a existência de recomendações direcionadas para a confecção de Planos de Ordenamento Territorial que mobilizam uma incursão dos aspectos culturais na regulação da utilização do solo e em outras grandezas de proveniência ecológica. Um acontecimento que ilustra a realidade em comento foi a Convenção Europeia de Paisagem, que se deu no ano 2000, na cidade de Florença. No ensejo, propagaram-se os mecanismos a serem observados com vistas a preservação, ao reestabelecimento da paisagem Europeia.

Segundo Stigliano (2009) os diálogos pertencentes à geografia cultural têm adquirido uma tônica maior no cenário brasileiro, mesmo que tenuamente. Pode-se referenciar, à guisa de ilustração, a realização de uma reunião temática denominada de *A Semana do Patrimônio: Cultura e Memória na Fronteira*, engendrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nesta oportunidade formalizou-se um importante instrumento que alberga e tutela a paisagem cultural, além de explicitar a sua acepção, intitulada de *Carta de Bagé*, ou, ainda, *Carta da Paisagem Cultural*. Os signatários deste tratado receberão uma certificação emitida pelos órgãos de fiscalização do patrimônio cultural, se comprometendo a gerir, em concurso com tais instituições, os sítios de personalidade cultural (IPHAN, 2007).

## 5. Conclusões

Em virtude da herança científica advinda da modernidade, os conceitos são comumente tratados de forma apartada, com o fito de assimilar todos os atributos conexos aos mesmos, para que, *a posteriori*, se construam relações entre as distintas concepções. Todavia, esses liames são relegados comprometendo a plena compreensão desses conteúdos conceituais. Assim, demonstrou-se neste trabalho a indissociabilidade entre a paisagem cultural e as codificações culturais.

Estudar a paisagem por intermédio do prisma cultural faz emergir o repertório simbólico de uma coletividade social, dotado de componentes tanto materiais quanto imateriais, usualmente categorizados pela geografia cultural como códigos culturais.

As particularidades intrínsecas à cultura suscitam uma versatilidade analítica e fomenta infindas investigações para angariar revelações mais detidas sobre as questões que a permeiam, sendo satisfatoriamente eficiente para a compreensão das similitudes e distinções alusivas ao campo socioespacial. Neste foco, insere-se a contribuição da geografia cultural, empenhada no reconhecimento das materialidades e imaterialidades que comportam a cultura. Posto isto, elucidou-se que este conhecimento é validado pela compreensão dos códigos acima arrolados, que constituem a identidade de um povo e os individualiza.

Com fulcro nisso, acredita-se que a interpretação plena da paisagem não deve abarcar apenas a sua materialidade, mas deve ser extrapolada, também, com foco na sua característica imaterial, pois além dos elementos captáveis pelos sentidos, há ainda um conjunto de

subjetividades que não pode ser desprezado, como, por exemplo, as convicções ideológicas, os princípios, os credos e afins, também orientam a construção do perceptível que retratam um agrupamento social.

Por fim, delineou-se o reconhecimento de que os trabalhos correlatos à cultura, notadamente os que abordam os símbolos que a constituem, propiciam o entendimento das dinâmicas sociais e subsidiam as estratégias de promoção de suas potencialidades.

### Referências

BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998. p. 84-91.

CLAVAL, P. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z.(Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 147-166.

CLAVAL, P. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagens, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 13-75. (Geografia Cultural)

CLAVAL, P. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p.35-86.

CORRÊA, R. L. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 167-186.

CORRÊA, R. L. Geografia cultural: um século (2). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000. p.15-32.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs). *Paisagem, Tempo e Cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

COSGROVE, D. Geografia cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p.17-48.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Geografia Cultural: Um Século (2)*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000, p.15-32. (Geografia Cultural)

DUNCAN, J. S. Após a Guerra Civil: Reconstruindo a Geografia Cultural como heterotopia. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. *Geografia cultural: Um século* (2). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000. p.61-84.

IPHAN. *Carta de Bagé ou Carta da Paisagem Cultural*. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/>>. Acesso em: 23 de julho de 2020.

MERQUIOR, J. G. *O véu e a máscara: ensaios sobre cultura e ideologia*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1997.

MIKESELL, M. P. Novos interesses, problemas não resolvidos e tarefas que persistem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Geografia Cultural: Um Século* (2). Rio de Janeiro: UERJ, 2000. p. 85-108. (Geografia Cultural)

RELPH, E. *Place and Placelessness*. Londres: Pion, 1976.

SAUER, Carl. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 19-26.

STIGLIANO, B. V. *Participação comunitária e sustentabilidade socioambiental do turismo na vila ferroviária de Paranapiacaba, S.P.* 2009. (Doutorado em Ciência Ambiental) – Programa de Pós- Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TUAN, Y.F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

UNESCO. *Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention*. Paris: World Heritage Centre, WHC/92, revised March 1999.

WAGNER, P.; MIKESELL, M. Os Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 27-62.